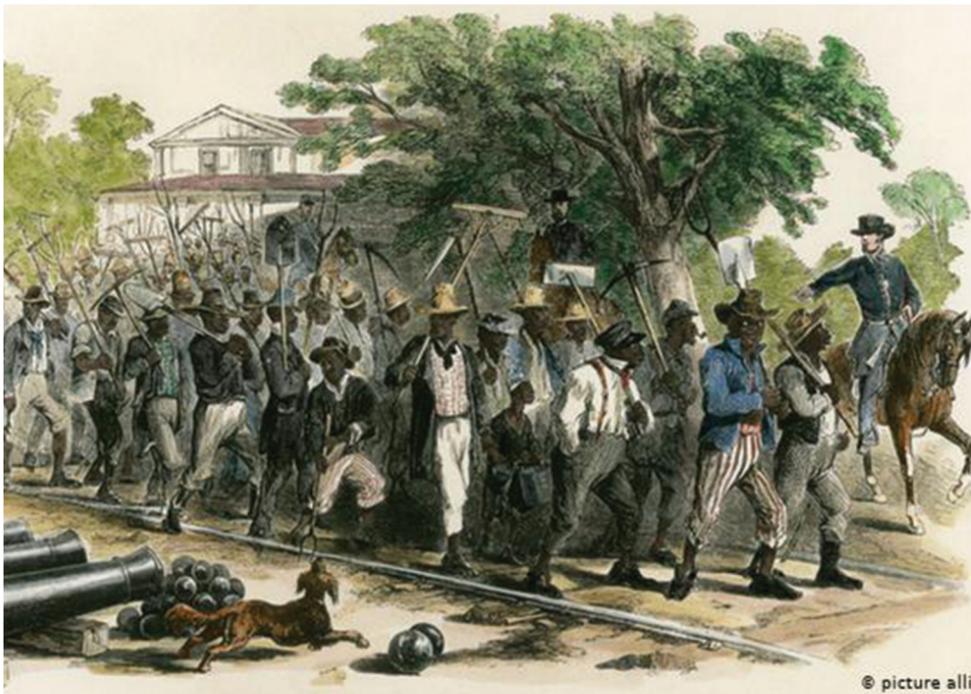


■ EVENTO ASSINALA HOJE 400 ANOS

# Chegada dos escravos angolanos aos EUA ajudou a fundar a cultura afro-americana

A chegada dos primeiros vinte angolanos ao território norte-americano “contribuiu na conformação da cultura afro-americana, a julgar pela forte presença dos angolanos durante o século XVII, idos, maioritariamente, para as áreas socioculturais Congo, Tumundongo e Ovimbundo”



O Governo de Angola considera que a chegada dos primeiros vinte escravos angolanos ao território norte-americano, há 400 anos, contribuiu para a fundação da actual “cultura afro-americana”, noticia a Lusa.

Segundo a ministra da Cultura, Maria da Piedade de Jesus, a chegada de angolanos no primeiro assentamento colonial inglês na América do Norte, em Agosto de 1619, também marcou o início da migração forçada de africanos para os actuais EUA.

A mensagem da ministra da Cultura sobre o Dia Internacional da Abolição do Tráfico Negro, assinalado a 23 de Agosto, foi apresentada pelo secretário de Estado do sector, Aginaldo Cristóvão, durante uma palestra sobre a chegada dos angolanos no Primeiro Assentamento Colonial norte-americano.

Foi em Agosto de 1619 que os primeiros navios portugueses transportando africanos que haviam sido raptados e vendidos como escravos no território que viria a ser Angola chegaram à cidade de Jamestown, no estado da Virgínia, na época uma colónia britânica.

Para o governante, a chegada dos primeiros vinte angolanos ao território norte-americano “contribuiu na conformação da cultura afro-americana, a julgar pela forte presença dos angolanos durante o século XVII, idos, maioritariamente, para as áreas socioculturais Congo, Tumundongo e Ovimbundo”.

A palestra sobre a chegada dos angolanos no Primeiro Assentamento Colonial norte-americano e também em saudação ao Dia Internacional da Abolição do Tráfico Negro decorreu sexta-feira, no Museu Nacional da Escravatura.

O museu, fundado em 7 de Dezembro de 1977 e elevado a património histórico-cultural em 10 de Novembro de 1993, tem por

missão “recolher, inventariar e classificar, preservar, investigar e divulgar o património histórico-cultural relacionado com a escravatura a nível nacional”.

O governante disse ainda que o Dia Internacional da Abolição do Tráfico Negro, adoptado pela UNESCO, através da Resolução 29C/40 de 23 de Agosto de 1998, foi um acontecimento que “marcou um ponto de viragem na história humana”, tendo “um grande impacto no estabelecimento dos direitos humanos”.

Aginaldo Cristóvão deu conta que a palestra “enquadra-se, perfeitamente, nas grandes políticas públicas viradas para o enriquecimento da história de Angola e a salvaguarda do património cultural”.

O governante considerou que as consequências do tráfico de escravos “são visíveis em todo o território nacional, sobretudo nas localidades onde o fenómeno foi intenso”, pelo que o resgate “desta parte tão importante da história de Angola reveste-se de particular importância”.

“Para a compreensão de certos problemas sociais contemporâneos, tal como para a afirmação da nossa identidade cultural e para que a sociedade possa tirar ilações do passado, perspectivando um futuro promissor”, realçou.

Além das acções realizadas pelo Museu Nacional da Escravatura, defendeu o envolvimento de parceiros nacionais e internacionais, universidades, centros de investigação e museus especializados no “aprofundamento da pesquisa” sobre a temática da escravatura.

## Reforço da amizade

O director do Museu Nacional da Escravatura de Angola considera que os 400 anos da chegada dos primeiros 20 escravos angolanos ao território norte-americano deve traduzir-se no “reforço dos laços de amizade e empatia” entre os dois povos.

Vladmiro Fortuna, que falava à margem de uma palestra sobre a chegada de angolanos no Primeiro Assentamento Colonial Inglês na América do Norte, em Agosto de 1619, referiu

que o reforço das relações com os Estados Unidos da América (EUA) também cabe no propósito da promoção desta parte da história do tráfico de escravos.

Um objectivo que passa por “criar laços de empatia e amizade entre os dois povos e cada vez mais reforçar as relações a nível diplomático”, também à semelhança do tipo de relação existente com o Brasil, “que assenta numa base histórica e cultural”, afirmou.

“Podemos também fazer desta histórica conexão Angola e Estados Unidos da América uma relação baseada na história e na cultura”, adiantou Vladmiro Fortuna, no encontro que também assinalou o Dia Internacional da Abolição do Tráfico Negro.

Segundo o director do Museu Nacional da Escravatura, a palestra para recordar a memória do tráfico negro e assinalar a chegada dos primeiros escravos angolanos no assentamento norte-americano decorreu antes na província angolana do Zaire e, depois de Luanda, vai ser replicada nas províncias de Benguela e Huíla.



## Lei da Comissão dos 400 Anos nos Estados Unidos

As celebrações que ocorrem nos Estados Unidos em todo este mês de Agosto, em alusão aos 400 anos da chegada dos primeiros africanos na América, foram precedidas pela discussão de uma proposta de lei pelo Congresso (Parlamento) dos Estados Unidos, em 2017, que acabou aprovada e transformada em lei no dia oito de Janeiro de 2018. Não se trata de iniciativas somente de sectores privados, mas com respaldo legal e contribuição dos organismos federais.

Denominada de Lei da Comissão dos 400 Anos de História Afro-Americana, que serviu para providenciar fundos às actividades que marcariam o 400º aniversário da “chegada dos africanos às colónias inglesas em Point Comfort, Virgínia, em 1619”, a iniciativa está a dar corpo a uma série de celebrações em todo o país.

O objectivo da Comissão é planejar, desenvolver e executar programas e actividades nos Estados Unidos que visam:

- Reconhecer e destacar a resiliência e as contribuições culturais de africanos e afro-americanos ao longo de 400 anos;
- Reconhecer o impacto que a escravidão e as leis que impunham a discriminação racial tinham nos Estados Unidos;
- Encorajar organizações cívicas, patrióticas, históricas, educacionais, artísticas, religiosas e económicas a organizar e participar em actividades do aniversário;
- Ajudar os estados, as localidades e as organizações sem fins lucrativos a promover a comemoração e coordenar pesquisas académicas públicas sobre a chegada dos africanos e as suas contribuições para os Estados Unidos.



## “Ano do Retorno, Ghana 2019”

Faustino Henrique

Embora alguns sectores mais conservadores defendam que pouco ou nada haja para celebrar, em virtude da forma cruel e desumana como ocorreu a transferência forçada de africanos para o Novo Mundo, outras sensibilidades são pelo olhar para aspectos positivos.

O dia de hoje marca o ponto mais alto da comemoração dos 400 anos da chegada dos primeiros africanos, razão pela qual alguns Governos africanos empenharam-se em não deixar a data passar em branco, tal como decidiram as autoridades da República do Ghana, o primeiro país da África subsariana a conquistar a sua independência, em 1947, tendo como primeiro Presidente Nkwame Nkrumah.

O Governo do Presidente Nana Akufo-Addo decidiu decretar 2019 como o “Ano do Retorno”, em alusão às celebrações do 400º aniversário da chegada, escrita e documentada, do primeiro africano na América, especificamente em Point Comfort, arredores de James Town, Virgínia, a capital da Colónia Inglesa da América.

No acto de formalização, o Chefe de Estado ghanense disse, referindo-se aos seus compatriotas e aos africanos em geral, que “nós sabemos das extraordinárias conquistas e contribuições que eles (africanos na diáspora) deram para a vida dos americanos e é importante que neste ano simbólico - 400 anos depois - comemoremos a sua existência e os seus sacrifícios”.

Mas o que é o Ano do Retorno para as autoridades ghanenses, que chegaram a organizar a viagem de uma centena de afro-americanos para, em território da antiga Costa do Ouro, designação que era conhecida o actual Ghana, celebrarem tudo o que de positivo envolve o legado da presença africana na América?

Segundo o Site da organização, “O Ano do Retorno, Ghana 2019” é uma importante jornada espiritual e de reconhecimento da ancestralidade, convidando a família africana global, nacional e internacional, a marcar os 400 anos da chegada dos primeiros africanos escravizados em Jamestown, Virgínia. A chegada de africanos escravizados marcou um período sórdido e triste, quando os nossos antepassados foram levados à força de África para os anos de privação, humilhação e tortura.

Enquanto Agosto de 2019 marca os 400 anos desde que os africanos escravizados chegaram aos Estados Unidos, “O Ano do Retorno, Ghana 2019” celebra a resiliência cumulativa de todas as vítimas do tráfico transatlântico de escravos que foram espalhados e deslocados pelo mundo na América do Norte, América do Sul, Caribe, Europa e Ásia”.

A Autoridade do Turismo do Ghana, sob os auspícios

do Ministério do Turismo, das Artes e Cultura, lidera o projecto, em coordenação e colaboração com o Escritório de Assuntos da Diáspora no Gabinete do Presidente da Fundação PANAFEST e do Grupo Adinkra dos Estados Unidos. Um dos principais objectivos da campanha do “Ano do Retorno” é posicionar o Ghana como um dos principais destinos de viagem para os afro-americanos e a diáspora africana.

Em 2019, os eventos planeados ao longo do ano servirão como plataforma de lançamento e impulsionamento consistente do turismo para Ghana nos próximos e distantes anos. Além do turismo, essa iniciativa apoia e serve de suporte a uma das principais agendas de desenvolvimento do Presidente do Ghana.

As autoridades do Ghana têm como principal foco garantir que os afro-americanos e afro-americanas tenham aquele país africano como destino e que o convite endereçado a 100 afro-americanos para participarem das celebrações no Ghana visa incentivá-los a voltar, a envolver-se e a ver a oportunidade que existe no país.

## Celebrações

Este fim de semana, no quadro do 400º aniversário da chegada dos primeiros africanos, a começar com os súbditos do Reino do Ndongo, na América Colonial, foi marcado pela romaria ao Ghana, patrocinada pela Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (do inglês National Association for the Advancement of Colored People- NAACP), em que os mais de 100 afro-americanos foram calorosa e apoteoticamente recebidos no Aeroporto Internacional de Kotoka, arredores da cidade de Accra.

Ao som de música e dança tradicional ghanense, os tocadores de batoque, dançarinos e residentes locais receberam a delegação da NAACP, uma das mais antigas e mais influentes instituições a favor dos direitos civis de uma minoria (principalmente de negros) nos Estados Unidos, para celebrar os 400 anos da chegada dos primeiros africanos.

Segundo o Site da organização, a sensação de regresso à terra dos antepassados “era palpável quando o grupo de quase 300 afro-americanos pousou em Accra para uma semana cheia de eventos. O grupo foi recebido pelo Presidente, antes de partir para o Centro de Visitantes de Accra, para encontrar-se com representantes da Autoridade de Turismo daquele país.

Para o presidente da NAACP, Derrick Johnson, referindo-se ao actual momento histórico que envolve a experiência em África, “agora somos capazes de materializar a cura e a unidade colectiva por que tantas gerações têm trabalhado.

Faustino Henrique

■ HISTORIADORA ROSA CRUZ E SILVA

**O que representa para Angola o facto dos primeiros africanos que chegaram ao actual território dos Estados Unidos, em Agosto de 1619, terem partido da bacia do Kwanza?**

Representa que um dado importante da nossa História está a ser exaltado, o que, de alguma forma, toca o nosso ego de cidadãos do mundo. Revela também que um traço da História de Angola que nos foi ocultado durante muito tempo, apesar de alguma historiografia sobre este tema ser conhecida, sobretudo nos meios académicos, tal informação, entre nós, é ainda bastante deficitária. Neste sentido, devemos-nos sentir implicados num processo que, embora distante no tempo, reflecte os horrores da construção de um novo paradigma sociocultural, que não apagou em definitivo os registos matríciais da sua identidade. Por essa razão, esta celebração para Angola deve servir de alerta para que nos interessemos por essa primeira comunidade africana no percurso efectuado até chegar ao outro mundo.

**Temos ou não aproveitado, até em termos académicos, a História dos “400 anos a presença de angolanos” nos Estados Unidos?**

Penso que não se tem tirado de facto partido do que deveriam representar as relações institucionais, nomeadamente as académicas, para a abordagem destes temas. Por nosso desconhecimento, falta de visão e sobretudo de falta de interesse no estudo desta temática.

**Acha que há reduzido intercâmbio?**

Quase não existe intercâmbio. Reconheço que, na década de 90 do século XX, na sequência do Projecto Lançado pela UNESCO, denominado a “Rota dos Escravos”, iniciaram-se alguns trabalhos no capítulo da investigação, mas que, infelizmente, não tiveram continuidade. Por exemplo, Angola acolheu reuniões importantes do Comité Científico do referido projecto, sendo que foram declaradas muitas intenções nesse domínio para o incremento da investigação, com uma proposta concreta da criação de redes de investigadores. Ainda assim, a nossa Universidade teve pouca ou quase nenhuma participação no desenvolvimento de pesquisas nestes domínios.

**E porquê?**

As possibilidades que se nos oferecem para a produção de trabalhos de investigação, nomeadamente nas instituições de arquivo, tais como o Arquivo Nacional de Angola, o Arquivo do Bispado em Luanda e a Biblioteca Provincial de Luanda, não têm a devida correspondência com a produção que se vem fazendo. Estas instituições de arquivo guardam há

## É excessivo atribuir aos africanos a quota mais elevada para o desenvolvimento dos EUA

A “presença angolana” nos primórdios da fundação dos Estados Unidos da América foi um traço da História de Angola que nos foi ocultado durante muito tempo, disse a ex-ministra da Cultura e antiga directora do Arquivo Nacional de Angola. Em entrevista, a propósito da celebração do 400<sup>o</sup> aniversário da chegada dos primeiros africanos à colónia de Jamestown, na Virgínia, Estados Unidos da América, Rosa Cruz e Silva considera, contudo, excessivo atribuir “aos africanos a quota mais elevada para o crescendo da espiral do desenvolvimento americano”. Mas não tem dúvidas de que a contribuição de África no processo de desenvolvimento dos Estados Unidos foi muito importante para que se atingissem os patamares que conhecemos nos variados domínios

séculos documentos importantes dos Séculos XVII a XIX, que reportam a temática do tráfico de escravos. Do que é do meu conhecimento, à excepção de algumas iniciativas na década de 90, das quais destaco as publicações de textos na Revista Fontes & Estudos, do Arquivo Nacional, ou ainda do Museu Nacional da Escravatura, e já mais recentemente as publicações da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, com a Revista Mulemba, pouco mais podemos assinalar. Enquanto responsável do Arquivo Nacional, promovemos eventos para, justamente, apelar aos investigadores angolanos a necessidade de investigação neste e mais domínios da História de Angola. Verificámos que a maior parte desses estudos têm sido desenvolvidos mais por investigadores oriundos de instituições académicas estrangeiras. Há um déficit grande da nossa participação, o que justifica a falta de intercâmbio com as instituições congéneras da América e não só, de outras realidades da Europa que estiveram implicadas no tráfico de escravos. Acreditamos na mudança deste estado um pouco letárgico das nossas instituições académicas neste domínio. A nossa participação nas celebrações dos 400 anos da “presença africana” deste ano, através do Museu Nacional da Escravatura, é já um sinal animador.

**Na sua opinião, é válido dizer que sem a escravatura, portanto, sem o contributo dos africanos, os Estados Unidos não seriam o que se tornaram hoje?**

Penso que a contribuição africana no processo de desenvolvimento dos Estados Unidos foi muito importante para que se atingissem os patamares que conhecemos nos variados domínios. Contudo, considero excessiva uma afirmação deste género, que atribui aos africanos a quota mais elevada para o crescendo da espiral do desenvolvimento americano. Todos sabemos que os Estados Unidos são uma realidade demográfica na qual se incluem várias componentes de uma população heterogénea, com proveniências distintas, todas elas estão implicadas neste resultado. O que me parece importante assinalar é que, durante muito tempo, a historiografia que recuperou esse traço importante da nossa História não teve ainda a visibilidade necessária e, entre nós, sequer há uma divulgação adequada dessas matérias.

**É excessivo, mesmo se assistindo à proeminência da comunidade afro-americana ao nível da cultura e do desporto?**

A proeminência da comunidade afro-americana ao nível da cultura e do desporto é reconhecida, é visível. Porém, existem outros domínios da vida social e económica dos americanos em que os afro-americanos têm uma contribuição sig-

nificativa e essa já não é tão visível, porque os próprios média e não só não os apresentam. Diremos então que há efectivamente uma contribuição significativa da comunidade afro-americana no desenvolvimento daquele país. Porém, é excessivo ou, melhor, não é correcto afirmar que sem ela não se atingiriam os níveis conhecidos. Parece-me que o sucesso dos Estados Unidos está justamente nessa diversidade de identidades que se conjugam melhor para a fixação de um paradigma que nos desperta a todos muita atenção. Se também apostarmos no estudo e respectiva divulgação dos resultados sobre o papel da comunidade afro-americana no desenvolvimento dos Estados Unidos, ampliar-se-á o conhecimento mais realista dessa contribuição e ficamos todos a ganhar.

**Alguns sectores nos Estados Unidos estão contra as iniciativas que visem celebrar os 400 anos da presença africana na América. Como se pode explicar isso?**

São seguramente os sectores mais conservadores daquela sociedade, que não comemoram este facto tão importante da História daquele país, uma vez que estes se colocam do outro lado da barricada, não dão qualquer importância a esta comunidade, que, para eles, nunca foi bem-vinda ao país, não obstante a sua participação no processo de desenvolvimento dos Estados Unidos. Não se justifica, portanto, essa posi-

ção, já que a celebração implica a reflexão sobre os benefícios e malefícios que tais factos provocaram e daí sairão seguramente lições para o porvir do país.

**Como historiadora, alguma vez lhe ocorreu investigar mais essa realidade, que torna o nosso país como o primeiro a contribuir para o povoamento de africanos no Novo Mundo?**

Evidentemente que ocorreu. Como disse no início desta entrevista, tivemos a oportunidade de apelar para os demais investigadores para que houvesse maior interesse na abordagem sobre esta importante temática e, de algum modo, também contribui com o registo de alguns trabalhos publicados em actas de eventos internacionais e nacionais. Sobre a temática concreta do povoamento africano no Novo Mundo, por via do tráfico de escravos, não fiz particularmente uma abordagem por essa matéria, mas de outras que lhe são transversais, como o texto que analisa, por exemplo, os conflitos nas terras do interior de Angola até ao embarque dessas comunidades para o novo mundo, entre outros.



### PERFIL

**Rosa Cruz e Silva** é doutoranda em História de África, pela Universidade Clássica de Lisboa, onde também se licenciou. Foi ministra da Cultura da República de Angola, directora do Arquivo Nacional de Angola e é, actualmente, docente universitária em regime de colaboração na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, na qual lecciona três cadeiras de História de Angola: História do Povoamento à queda do Reino do Ndongo; História Económica e Social e História Contemporânea de Angola. É autora de pesquisas em curso sobre “A imprensa escrita de Angola do Século XIX”, “O Movimento de Libertação Nacional em Angola” e a “As hegemonias africanas através da documentação escrita endógena” (Proposta de tese de Doutoramento).

### ■ NOTA

A historiadora Rosa Cruz e Silva é a autora da abordagem sobre o “Manifesto do MPLA”, publicado nas páginas 4 e 5 da edição de ontem, que, inadvertidamente, saiu sem a assinatura. Pela omissão, o *Jornal de Angola* apresenta as devidas desculpas.

